

A guerra europeia é uma guerra de negociantes

“Pinho de Riga”, pseudônimo de
Adelino Tavares de Pinho.

Jornal “A Lanterna”, nº 282, 283 e
284, 14 de agosto, 11 de setembro de
1915 e 29 de janeiro de 1916.

I

A guerra, essa sanguieira abominável, essa matança hedionda, há um longo ano que traz a Europa em convulsões sangrentas; há já um extenso ano que aquela terra, que parecia fadada aos mais altos destinos, é sacudida por um furacão de morte, é varrida por um vento de extermínio que, em rodopios macabros e tétricos, arrasta nas suas espirais nações inteiras, inteiros continentes a trucidarem-se mutuamente nesses matadouros intérminos, nessas assembleias de morte, nesses báratros sem fundo que se chamam campos de batalha. É decorrido um ano em que a morte, o incêndio, o crime, a vingança, a desolação, todo esse longo cortejo de calamidades desconcertadoras, inomináveis e ignóbeis campeiam infrenes à luz do sol e ao brilho das estrelas com direitos de *cidadania* como se a humanidade deixasse de ser o que era e se transformasse, de repente, num bando de hienas e de panteras insaciáveis de sangue e de entranhas palpitantes! Como se a humanidade repentinamente perdesse as estribelas e renunciasse bestial e estupidamente aos sentimentos de bondade, de harmonia, de justiça, de concórdia e a de solidariedade, para se lançar nesse *deboche* tremendo que é a guerra!

Um ano de lutas fratricidas que atenuou em toda a Europa um desejo ardente de morte, que arrastou todas as nações à guerra recíproca e que promete estender-se a América; uma guerra que fez despertar, em pelo século XX, nas populações civis todos os instintos de animalidade que jaziam sufocados há muito sob a influência da civilização e sob as benéficas doçuras da fraternidade e da bondade mútua que iam animando a maior parte da humanidade... e isto quando tudo fazia prever que ela seria impossível, porquanto todos os homens pensantes e de bom coração se oporiam a ela com todas as suas forças!...

Numa época em que as relações sociais se estendem cada vez mais através das fronteiras, de pólo a pólo, enfim, quanto tudo nos parecia demonstrar que a harmonia de vistas, entre os povos das diversas línguas do globo, é que conviria para a felicidade geral e para a paz do universo, desencadeia-se essa tempestade sem nome entre os povos que se orgulhavam, se ufanavam de representar o escol da humanidade; que se diziam os representantes, os cultores e os depositários de todos os tesouros e heranças literárias, morais e científicas da humanidade!... E a gente lê isto e ouve isto e fica matutando se fazer destas afirmações não é afrontar a moral das hienas e dos lobos cervais!

Sim porque todas as guerras, e esta mais do que nenhuma outra, são prova verídica, concludente e incontestável de que o homem é, em sentimentos morais, inferior a qualquer raça de animais ferozes pois estes, sendo da mesma espécie, não se devoram: unem-se para atacar o inimigo comum, mas lobo não mata lobo. E o homem mata homem!...

Se todos os homens se unissem para estudar, combinar e resolver em comum as coisas, os negociantes e os assuntos que lhes dizem respeito, há muito que a terra seria um jardim, um paraíso em que a paz, a bondade e a beleza reinariam soberanas e não *este vale de lágrimas* de que fala a oração cristã e que esta religião tratou na verdade de transformar em lugar de choros, prantos, lutos e aflições.

E porque a humanidade não tem seguido em linha reta para esse *desideratum* de felicidade?

Porque em tempos recuados, quando a humanidade apenas saía da animalidade, certos homens, astutos, finórios e preguiçosos, querendo viver sem trabalhar, gozar do que é bom sem nenhum esforço, atribuíram-se certas aptidões especiais para interceder junto de Deus, uns, e pra defender as terras e os haveres da coletividade, outros. Daí vem a casta sacerdotal e a casta guerreira, essas duas pragas de que a bíblia não faz menção, mas que, indubitavelmente, tem feito correr mais sangue do que águas que contém nos oceanos! Essas duas castas, mancomunadas, ajudando-se reciprocamente, trataram de inculcar na rude mentalidade dos seus semelhantes aquelas ideias que eram favoráveis aos seus imperadores e o que é certo é que a força de serem repetidas, ouvidas e acreditadas tomaram-se queridas, respeitadas, veneradas e santificadas.

E estas ideias vieram-se transmitindo de pais para filhos, de geração em geração, desde os tempos mais remotos até agora, claro com as atenuações e nuances que os tempos requereriam.

Moderadamente, que a Igreja está em decadência, quando é já impotente para fazer desencadear guerras entre os povos, a troca de crenças, quando o vil milhão é que é rei, num século em que Rostchild sem ser ministro de nenhuma nação é que manda, apesar de tudo, em todo o universo, é que rege e governa todos os países; numa época industrial em que se produz mais que aquilo que os magros recursos da população pode gastar, é sua majestade o comércio, é a Sr. D. Finanças tendo sobre seu serviço uma diplomacia maquiavélica transformada em agência comercial, sendo cada diplomata um caixeiro viajante para ser mais claro; juntamente com um militarismo profissional a arrotar batalhas, a almoçar, jantar e cear inimigos para fazer jus ao prato e mesmo porque são filhos de burgueses com mentalidades de hotentotes – é esse comércio tão decantado, festejado e incensado pelos plumitivos da pena e do jornalismo de balcão, que moderadamente tem produzido, as guerras e a atual europeia não fugiu a regra, mas mais que nenhuma é a demonstração desta regra.

Sim, a guerra que fere nos campos da Europa e da Ásia é única e simplesmente uma guerra de comerciantes, de banqueiros, de industriais, de mascates que pretendem alargar o seu raio de ação.

É o que pretendemos demonstrar em mal alinhavados artiguinhos futuros.

II

Terminávamos o nosso antecedente artiguete afirmando que todas as guerras modernas, e especialmente a atual europeia, eram guerras de comércio entre judeus dos diversos países, em busca de mercado novos onde impinjam os seus produtos invendíveis e avariados, onde coloquem as suas mercadorias armazenadas e sem saída.

Moderadamente, o comércio tudo tem invadido na ânsia crescente de negociar; não há canto do globo onde não levante barracas, não abra tendas, não exhiba balcões.

Na China ou no Japão, na África ou na Austrália, na Patagônia ou na Terra Nova, podeis estar certos que lá encontráis o mercieiro pançudo, o taberneiro larápio, o quinquelheiro matreiro, insaciáveis de ganhos.

Chegam com pés de lã para não assustar a caça, trazem o seu negócio, enganam, burlam, roubam os indígenas ignorantes e, quando estes se rebelam, a mãe pátria, a agência matriz dos gatunos, manda, a título de defesa dos interesses de seus súditos, desembarcar gente armada que põe tudo a ferro e fogo, que exerce servíCIAS intoleráveis, ignóbeis e infames e, depois de estabelecer paz dos cemitérios e ter-se apoderado dos haveres e das terras, anunciam que tudo entrou nos eixos.

Foi isto que a Inglaterra fez na Índia, o que fez também na China quando esta entendeu proibir a entrada de ópio, esse veneno que tanto tem deprimido o povo chinês; pois então porque meia dúzia de negociantes ingleses, exportadores de ópio, não poderia continuar a enriquecer-se, era caso para obrigar os chineses, que estavam em sua casa, pela força das armas, a continuarem a gastar ópio mesmo contra vontade? Foi o que se deu. E o fato é que continua a fornecer-lo em toda a China. E é esta senhora que respeita a independência dos povos!...

E como fez a França no Tonkim? E na Argélia? E na Tunísia?

E o Egito? Porque a Inglaterra o mandou ocupar, e, apesar de todas as formais promessas de o deixar a sua sorte apenas a ordem reinasse, não abriu mão dele e acabou mesmo por o declarar sob seu protetorado? Mas porque? Porque o Egito é um ponto estratégico excelente; após a abertura do canal Suez, o Egito tornou-se a chave da porta da entrada que conduz a Índia e ela não quer ser perturbada nas suas relações comerciais com a colônia dos brilhantes Rajás. Depois o Egito está próximo à Ásia Menor e quem sabe as aspirações acalentadas pela Inglaterra, pelo comércio inglês, a respeito da Pérsia, da Arábia, de todas essas férteis regiões banhadas pelo Tigre e o Eufrates?

O que é que o clássico John Bull pensaria dessas ricas regiões por outro lado também cobiçadas pelos alemães?

A Inglaterra, país essencialmente industrial e comercial, sempre pretendeu ter a supremacia do mundo para colocar seus produtos e ninguém lhe disputar os mercados. Foi assim que noutros tempos bloqueou a França para que o seu comércio e a sua indústria fenecessem e a Inglaterra ficar com todas as vantagens que os outros perdiam.

É certo que hoje ela usa de umas certas tolerâncias com as suas colônias, mas aprendeu-o as suas próprias custas. Porque a América do Norte se revoltou e se declarou independente depois de ter lutado titanicamente com a Inglaterra? Porque a metrópole exigia e lançava cada vez mais e mais impostos e cerceava mais e mais a liberdade das populações americanas e, depois da lição que estas lhe deram, variou de tática para conservar ao menos as outras colônias como escoadouros das suas fábricas.

E depois a guerra do Transvaal é de outro dia. Está de fresco na memória de todos o motivo da guerra, que era haver lá minas de diamantes, e todos recordarão também o modo como ela tratou esses boêres valentes e decididos para os fazer render, não recuando em ir atacá-los pelas costas.

E sabem quem promoveu esta guerra também fornecia armamentos aos habitantes das duas repúblicas Sul-Africanas, Transvaal e Orange? Eram industriais ingleses que precisavam de dar destino aos armamentos e munições em depósito, a frente dos quais

estava lord Chamberlain. Vendiam armas ao governo para atacar o inimigo, mas forneciam armas e munições aos inimigos para que a resistência se prolongasse e desse modo durasse mais tempo a contenda e o gasto das munições fosse maior.

É isto o que se chama em linguagem vulgar: ganhar a dois carrinhos.

Pois se não fosse o comércio que espreguiça todas as ocasiões para se locupletar, porque todas as nações, quanto há um ano surgiu a declaração de guerra europeia, não haviam de mostrar a sua repulsa pela matança hedionda que ia começar e declarar categórica e peremptoriamente às nações conflagradas que parassem na marcha da guerra, ou senão as teriam todas contra si? Porque quem dirige as nações são os financeiros, os agiotas, os industriais, os mercieiros, os fornecedores de exército, etc., e estes dilataram as narinas e bateram palmas quando perceberam no ar o zum-zum da batalha. Pois se eles triunfaram à custa e calçando os outros? Que lhes imposta a desgraça alheia?

E é assim que os trunfos graúdos da Itália, da Suécia, Noruega, da América do Norte, etc, abarrotaram e abarrotarão durante ninguém sabe quanto tempo os seus cofres fornecendo todas a casta de artefatos e petrechos de guerra e de alimento, às francas, aos países aliados e às ocultas, exercendo o contrabando, tão odiado quando é feito pelos desgraçados, às nações austro-alemãs.

É curioso observar como a imprensa jacobina da França berrava, como atacava os propagadores do neo-maltusianismo, como se esganiçava diante da despovoação do país.

Mas cumpre perguntar: se a população era pouca para a França continental, para que novos território a conquistar e ocupar, por exemplo essa questão de Marrocos que já uma vez quase deu ocasião e pretexto para estalar essa abominável conflagração europeia?

É que os exploradores diminuem, mas ainda produzem mais do que aquilo que podem consumir com o magro salário que o patrão lhe dá. Daí dar satisfação ao comércio, mandando conquistar regiões estranhas e povos independentes.

E o que se disse da França e da Inglaterra, aplique-se a todas as outras nações. A Alemanha fez várias tentativas para se estabelecer no mediterrâneo; a África foi dividida quase toda pela Inglaterra e França.

Apenas Portugal conseguiu lá manter uns bocados daquilo que outrora ele tinha proclamado seu.

À Bélgica deram um pedaço, à Alemanha deram o que era pior: um osso para roer.

Ela então, tendo necessidade de expandir, porque lá também há tubarões e formidáveis, com uma natalidade abundantíssima e uma super produção industrial extraordinária, visto afastarem-na da África pensou em se compensar destes prejuízos, mais perto, a sua porta, na própria Europa.

E se bem o pensou melhor o executou. E aí temos nós essa calamidade pavorosa que assola a Europa inteira há um ano, que há um ano traz em convulsões de morte o que se julgava ser a parte mais sã e mais cultivada da humanidade.

Acusa-se a Alemanha de ter desencadeado a guerra, no que eu acredito, visto o esforço enorme que tem feito para se bater contra toda Europa. Vê-se que toda a vida da

Alemanha estava subordinada à vida da guerra, da matança, do militarismo odioso e assassino. E vê-se também a disciplina do povo em caminhar para a morte, convencido que o seu país tem uma missão providencial a desempenhar no mundo, balelas acreditadas à força de serem repetidas nas escolas, durante algumas gerações, pelos professores de todas as categorias, a serviço do kaiser e do seu séquito, grupo de bandidos que nunca espiarão os crimes, as lágrimas e as desgraças que desenrolam no mundo.

Mas convém perguntar: os governos das outras nações, se não estavam tão armados, por não poderem, não desejariam sobrepujar a Alemanha em máquinas de guerra e em efetivo de soldados? Precisamente, se o não fizeram é porque não puderam, é porque o povo os não deixou.

E todos esses defeitos que hoje atribuem aos alemães, noutros tempos foram considerados supremas perfeições e a imprensa de todos os países censurava amiúde, os operários, o povo, por não seguirem disciplina e a subordinação hierárquica que na Alemanha se observava.

Caiam, portanto, as viseiras dos olhos aos ingênuos que acreditam na boa-fé de qualquer das partes.

III

Temos pretendido demonstrar com fatos históricos, com exemplos gritantes, de todos conhecidos, que o móvel, o motivo, a causa primária desta hedionda matança que grassa na velha e suposta civilizada Europa, é a necessidade que os governos burgueses têm de satisfazer aos grandes fornecedores, aos grandes industriais, aos donos das grandes fundições, enfim a toda a casta de parasitas que vivem chupando o sangue dos trabalhadores, a seiva das nações, não trepidando em precipitar estas umas contra outras numa chacina canibalesca e interminável contando que disso resulte chorudos ganhos, fortunas nababescas, campo aberto a novos assaltos, a novas banditices, a novas roubalheiras.

Viu-se que essas nações que se arrogam o título de civilizadas, que blasonam de liberais e de cultas, nada mais tem feito do que invadir povos pacíficos e indefesos e, pela força das armas, escravizá-los, exterminá-los, pervertê-los e obrigá-los a produzir em troca de lantejoulas, de trapos vermelhos, de vidrilhos e do maldito e abominável álcool. Foi isto que os europeus trouxeram à América e o que levaram mais recentemente à África e à Oceania e que não levam a mais parte nenhuma porque o mundo já está todo descoberto e nos pólos não há populações susceptíveis de trabalhar e de se embriagar.

Sim, conhecemos bem a obra civilizadora realizada pelos belgas, no Congo; pelos franceses no Tonkin, na Tunísia, na Argélia, e em Marrocos, de sociedade com os espanhóis; pelos ingleses, na Índia, na China, no Transvaal e Orange e na desgraçada Irlanda; pelos americanos do norte nas Filipinas e em Cuba; pelos russos e japoneses na Manchúria, e por muitas outras nações, em mais pequeno ponto, se bem com os mesmos intuitos, por exemplo a obra civilizadora dos italianos na Abissínia e mais recentemente em Trípoli. Mas isto é tudo quanto se queira chamar, menos civilização, dirão! - Perfeitamente, civilização de arrocho, civilização de caranguejo, civilização às avessas que outra coisa não é que o regresso aos mais eminentes tempos de barbarismo, de canibalismo, de vandalismo. É o paradoxo erigido em sistema, a fantasia velando a

verdade, o absurdo levado à conta de sensatez, dizer que esta guerra é uma guerra em defesa da democracia, da civilização e de outros que tais vocábulos.

Por mais que queiram engodar os ingênuos e os papalvos; por mais que pretendam dourar a pílula, só os espíritos obsecados, incultos ou desorientados se deixam levar no engodo, se deixam mistificar.

Esta guerra é tão civilizadora com as guerras que a França sustentou no tempo e sob direção de Napoleão, o bandido corso, como tão justamente Auguste Comte o denominou, invadindo a Europa inteira, os estados germânicos, a Áustria, a Rússia, a Itália, a Espanha e Portugal, dispondo a seu bel talante destas regiões e destes povos, nomeando os seus parentes para reis destes territórios, arrebatando quantos objetos de arte e de valor encontravam no seu caminho, e exercendo violências como em todas as guerras se exercem, porque indica mesmo violência, incêndio, vingança, morte; a questão essencial é vencer, não se olha aos meios.

Porque para quem conhece um pouco de história, esta nefanda conflagração européia, este pesadelo mortífero que persegue a humanidade há mais de um ano, teve a sua gênese, a sua origem nas invasões napoleônicas, todo este movimento guerreiro observado na Alemanha, que explodiu em 1870, dando-nos um ar da sua graça, e que atingiu o supremo apogeu na atual emergência, pode-se justamente filiar às invasões napoleônicas.

Mas demonstremos: os estados germânicos viviam sossegados e pacíficos, trabalhando as suas terras e cuidando dos seus gados, quando os exércitos de Napoleão invadiram as suas terras, os seus lares, violaram as suas mulheres e filhas e arrogaram-se dar leis em casa alheia.

Estes povos, ferido por esta afronta, humilhados e vexados em tudo que mais queriam, pensaram logo em se desafrontar e “o que se não faz em dia de Santa Luzia, faz-se ao outro dia”. Impotentes, pelo momento, de realizarem o rifão bíblico, “olho por olho, dente por dente”, acalentaram o desejo de, com o tempo, se desforrarem brilhantemente e foram pensando em se armarem cada vez mais e, após a unificação de todos os estados germânicos, num só bloco, sob a hegemonia da Prússia, não foi difícil realizar a odiosa tarefa. Em 1870, a Alemanha arrebatou à França duas províncias e 5 bilhões de francos e, depois deste sucesso, era de supor que não pararia no caminho das suas conquistas, antes a vitória lhe serviria de incentivo a empresas maiores.

De modo que a França atual está pagando dívidas velhas e não é para admirar, porque tudo neste mundo é um encadeamento. Fugir ao dever que o pagar é certo, diz um velho ditado.

E vemos que o discípulo mais eminente de Napoleão foi o atual imperador da Alemanha. Tomou por modelo e tentou, ele também, conquistar o mundo, subjugar os povos, vencer e dominar, como Napoleão tinha desejado. Veremos se o epílogo será análogo.

Mas a mesma França não é inocente na contenda como ela pretende apresentar-se.

Apesar de haver decorrido 45 anos, após ter pedido a Alsácia e a Lorena, havia na França um partido reacionário, guerrista, que não pensava em mais nada a não ser na “revanche” e que mantinha, por meio de uma imprensa reptilesca, estas ideias mesquinhas de desforra, os orçamentos de guerra e de marinha aumentavam de ano para

ano numa proporção assombrosa; os estaleiros navais construía sempre mais e mais navios para a destruição; as grandes fundições não se cansavam de inventar e construir sempre novos e mais aperfeiçoados canhões; aumentou-se o tempo de serviço militar, passando de 2 para 3 anos; arranjam-se alianças híbridas como essa com a bárbara Rússia e com a rapinante Inglaterra, enfim, tudo isto são prognósticos evidentes e irrefragáveis de que o fogo estava lavrando e que o vulcão, mais dia menos dia, explodiria em lavas, em cinzas e em morte.

Mas há provas mais concludentes e decisivas. Existe em Paris o Arco do Triunfo da Estrela, monumento mandado erigir por Napoleão I à glória dos exércitos franceses e no qual estão gravados os nomes de 386 generais que invadiram toda a Europa, como também as batalhas ganhas por eles e nas quais os outros povos foram derrotados. E um monumento destes não é uma afronta aos sentimentos pacíficos dos outros povos? Não será um motivo de vexame e de humilhação para os países que sofreram as invasões, e um motivo de vanglória para os franceses?

E a coluna de Vendome? Não é outro monumento próprio para irritar a dignidade dos outros povos? Não é uma coluna construída com o bronze de 1200 canhões tomados pelos exércitos de Napoleão aos povos que estavam invadindo?

Pois apesar dos comunistas de Paris a terem derrubado, quando do cerco feito pelos alemães àquela cidade e da proclamação da Comuna de Paris, como uma prova evidente de que eles queriam mesmo a paz em toda a Terra, a república francesa, derrotada a Comuna, apressou-se em mandar reergue-la, e lá está ela, no meio da praça de mesmo nome, a afrontar os sentimentos benévolos dos outros povos, a fazer reviver dores, feridas e atrocidades passadas e para as quais era conveniente o véu do esquecimento.

Não, digam o queiram todos os interessados da guerra, a verdade é que esta carnificina tremenda e odiosa não é movida por sentimentos bons, honestos, nobres e puros, mas sim por tudo que há de baixo, de vil, de ruim nos homens que se arrogam o direito de dirigir as nações, de arremessar os povos uns contra outros, para que seus negócios e os de seus apaniguados não periclitem, não sofram baixa. E a atual guerra é uma fogueira para qual todas nações contribuíram com a sua acha. Nenhuma está inocente: todas são cúmplices.

Pinho de Riga